

RESENHA

TESE: EU, UMA PROFESSORA DE MATEMÁTICA EM JORNADA NARRATIVA EM BUSCA DE MEUS EUS-PROFESSORES EM AUTOFORMAÇÃO

THESIS: ME, A MATHEMATICS TEACHER ON A NARRATIVE JOURNEY IN SEARCH OF MY SELF-TEACHING EUS-TEACHERS

TESIS: YO, PROFESOR DE MATEMÁTICAS EN UN NARRATIVO VIAJE EN BÚSQUEDA DE MIS YOES-PROFESORES EN AUTOFORMACIÓN

Josâne Geralda Barbosa¹
josane.barbosa@ifmg.edu.br

A tese intitulada “Eu, uma professora de matemática em jornada narrativa em busca de meus eus-professores em autoformação” foi defendida em 2017, para obtenção do título de doutora em Educação Matemática. O texto está organizado em sete capítulos, denominados: Sobre insubordinações e contradições; Pirulito multicolorido; Peça esquisita do quebra-cabeças; Uma astronave rumo a castelos inimagináveis; Trato meio desajeitado; Espetáculo pirotécnico; E agora? O que eu faço com o que isso fez de mim?; Referências; Apêndice A e Apêndice B.

No primeiro capítulo, Brião apresenta o conceito de insubordinação criativa, ou subversão responsável, como sendo ações criativamente construídas para burlar situações consideradas contraproducentes à aprendizagem e, a partir dele, caracteriza a própria tese como uma pesquisa insubordinada criativamente. Isso, pois apresenta duas histórias simultaneamente: uma em formato de livro, com letras que simulam a escrita à mão e que conta a história de vida da autora, e a segunda história, que se passa nas notas de rodapé, escrita de acordo com as regras da academia, apresentando as observações da autora e seus diálogos com teóricos da área. Há um diálogo constante entre a autora e o leitor, nos dois textos, guiando a leitura e provocando pensamentos, associações, recordações, reflexões e emoções.

Também neste capítulo apresenta o conceito de auto-insubordinação criativa: insubordinar-se contra si mesmo, suas crenças, formação e atuação.

Percebi nesta jornada, que minhas subversões responsáveis sempre estiveram no movimento incessante de me indignar com as minhas crenças sobre ensino, fossem estas minhas ou instituídas por outros, em um

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Ouro Preto

movimento reflexivo que visava a aprendizagem na sala de aula. Esta é a minha auto-insubordinação criativa, em um mirar para a auto-superação das formações que tive tal qual as experienciei (BRIÃO, 2017, p. 21).

Brião apresenta uma pesquisa narrativa autobiográfica, em que, a partir de suas narrativas de vida, relata a sua constituição como professora, formadora e pesquisadora em Educação Matemática a partir das experiências como professora de Matemática e formadora de professores de Matemática. Apresenta como justificativa para a pesquisa o seu incômodo com a discrepância de suas próprias práticas enquanto professora de Matemática da Educação Básica e enquanto formadora de professores para esta mesma Educação Básica. O percurso exigiu que ela rememorasse suas experiências, refletisse sobre sua atuação profissional e dialogasse com colegas.

No segundo capítulo, denominado “Pirulito multicolorido”, a autora traz relatos de sua infância, das experiências vivenciadas e que a levaram aos caminhos que percorreu. Relembra lugares em que viveu, os momentos escolares, os professores(as) e as escolas da infância. Também apresenta um dos cinco contextos em que a pesquisa caminhou e as narrativas aconteceram. Trata-se de um curso de extensão em que trabalhou com futuros professores(as) e professores(as) em exercício, na aspiração de constituir um grupo colaborativo. Contava com vinte e um participantes, dos quais, dezessete concluíram o curso. Os encontros aconteciam aos sábados, com duração de aproximadamente três horas. Os/As participantes faziam uma leitura, em casa, de um filme, um conto literário ou poema e um texto de Educação ou Educação Matemática. Discutiam nos encontros temas como: concepção de práticas, conhecimento do professor de Matemática, etnomatemática, construtivismo, ente outros.

Esta experiência como formadora de professores também foi relatada paralelamente às primeiras experiências como professora da Educação Básica. Questionando a formação de professores, especialmente a sua atuação nesta formação, a autora refletiu sobre as ementas das disciplinas que lecionava, ressaltou a importância da reflexão docente e da autoformação contínua, amparada na reflexão definida por D’Ambrosio e Lopes. Assim, Gabriela Brião vai apresentando sua história, seu interesse pela Matemática, desde as brincadeiras da infância e a formação da sua identidade profissional, considerando que “cada professor é único, e define suas práticas de acordo com traços de personalidade, sentimentos, crenças e expectativas” (D’AMBROSIO, LOPES, 2016, p. 1087) e também a partir das relações que mantém com as pessoas.

No terceiro capítulo, “Peça esquisita do quebra-cabeças”, Brião avança para sua adolescência e relata os dilemas vivenciados neste período, ligados à mudança de escola e, conseqüentemente, do estilo de ensino entre estas escolas. Discute a

violência simbólica existente na escola, que é uma violência oculta, não explicitada, que vai se naturalizando com o tempo. Mesmo o oprimido, sentindo que há algo errado, tende a aceitar. A autora cita Charlot (2002, p. 434) “a escola é palco de diferentes tipos de violência que se manifestam como: violência na escola; violência contra a escola; violência da escola”.

Neste mesmo capítulo, discuti o formato dos trabalhos científicos dentro dos padrões acadêmicos tradicionais, baseados nas correntes positivistas e apresentou outras opções, como o seu relatório de doutorado e o percurso metodológico adotado, insubordinadas criativamente, cuja pesquisa se deu com rigor, ética, respeito e muito cuidado, tanto em relação a si, quanto a seus colaboradores e leitores. À medida que avança na história de si, a autora relata como é realizar uma pesquisa autobiográfica e as inseguranças que a escrita lhe trouxe. Brião escrevia seus relatos e histórias vividas, lia e discutia junto a seus colaboradores do grupo de extensão, que opinavam, se identificavam, reprovavam, comentavam e discutiam as escritas.

Ela também discuti o conceito de agência que, na docência, significa “autonomia com militância, protagonismo. Não se é apenas autônomo, se age em favor de algo, mesmo que de forma insubordinada criativa. Dessa forma, agência não é algo que a pessoa tenha; é algo que a pessoa faz” (BRIÃO, 2017, p. 137) e constrói no decorrer da prática e da formação.

No terceiro capítulo, denominado “Uma astronave rumo a castelos inimagináveis”, a autora relatou algumas nuances da sua licenciatura em Matemática na UERJ e continuou a narrar os encontros do grupo de extensão. Também relembrou as influências que teve de um dos professores durante a graduação, que a levava a fazer o mestrado em Matemática no IMPA.

A produção e análise das (auto)narrativas foram guiadas por Bolívar (2002, 2007, 2012, 2014), Clandinin (2013) e Passeggi (2010, 2011, 2016). Também buscou apoio em Cox e D’Ambrosio (2015), Beatriz D’Ambrosio (1993, 2005, 2013, 2014), Ubiratan D’Ambrosio (2007, 2009, 2016, 2016), D’Ambrosio e Lopes (2014, 2015, 2016), Larrosa (2002, 2004, 2009, 2011, 2016), Nacarato (2013, 2015, 2016), Nóvoa (2013) e Whitehead (1989, 2007), para construir os argumentos quanto à formação de professores.

No quarto capítulo, intitulado “Trato meio desajeitado”, a autora traz suas experiências como professora da Educação Básica e do Ensino Superior, carinhosamente destacando a licenciatura em Matemática. Brião acredita que a Matemática poderia se tornar um “instrumento para um bem maior que é a educação integral de um indivíduo” (BRIÃO, 2017, p. 202). Questiona a posição autoritária que assumia e que alguns colegas ainda assumem. Afirmou que “o desprezo às vivências do outro é algo perigoso para um educador” (BRIÃO, 2017, p. 230) quando refletiu

sobre as relações entre professores/as e estudantes. E, assume que está em um “processo de descida do salto alto imaginário” (BRIÃO, 2017, p. 230). Relatou que, com o tempo, sua prática foi mudando, sobretudo nas salas de aula da Educação Básica.

No quinto capítulo “Espetáculo pirotécnico”, a autora relatou as mudanças implementadas em suas aulas e também na sua postura juntos aos estudantes. Apresentou o seu contato com a UNESP e o doutorado que ali cursou, fortemente motivado por um curso que participou, ministrado por Beatriz Silva D’Ambrosio. Também comentou sobre a forte influência desta professora/pesquisadora na sua pesquisa, na definição de seu orientador e no estágio de um ano que realizou na *Miami University*. Argumentou: “Bia contribuiu muito para que eu conhecesse mais a área e, para que eu optasse por este tipo de trabalho insubordinado, além de me indicar para o prof. Ubi” (BRIÃO, 2017, p. 274). Brião narrou a experiência da vivência em outro país para sua formação e toda tristeza com a morte da professora Beatriz.

Sobre a pesquisa realizada, Brião conclui que “Posso testemunhar como um trabalho (auto)biográfico tem o potencial de fazer com quem o pratica, que este obtenha uma prática autoformadora de si, além, de ser uma investigação estimulante” (BRIÃO, 2017, p. 280).

Hoje percebo que, como professores, inspiramos e somos inspirados uns pelos outros. O desabrochar de um professor, tal qual você pode perceber durante esta narrativa sobre mim, é algo único e que demanda um profundo olhar para si mesmo, porém, consciente do entorno, do contexto. E, por isso, acredito que se cada um embarcar em sua própria jornada narrativa, poderá vislumbrar um mundo transformado que poderá trazer novos elementos para a prática docente de quem se narra (BRIÃO, 2017, p. 283)

No seu último capítulo “E agora? O que eu faço com o que isso fez de mim?”, Brião refletiu sobre a pesquisa realizada, as mudanças que vivenciou, pessoas e perguntas que moveram a pesquisa e essa transformação experimentada.

A autora reconstruiu algumas de suas histórias e apresentou dentre as suas concepções: “Se desejamos uma educação matemática honesta de nossas crianças, o que precisamos é de uma busca por colaboração de todas as partes envolvidas no processo” (BRIÃO, 2017, p. 189). Assim, a autora defende um processo educativo colaborativo, que envolva professores, estudantes e comunidade escolar.

As narrativas se apresentaram como uma metodologia adequada ao contexto, pois permitiram à autora relatar suas experiências (ouvir-se, ler-se e analisar-se), refletir sobre a própria prática e atuação junto à escola/universidade e aos estudantes, refletir a própria formação escolar e profissional e, também, ouvir as vozes de seus colaboradores sobre si mesma e sua prática. A pesquisa pode ser caracterizada como

autobiográfica, pois é realizada por um “narrador-autor como narrativa retrospectiva da própria vida” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 38).

A apresentação da tese nos remete às autoras Beatriz D’Ambrosio e Celi Lopes, que afirmam: “É preciso romper com qualquer forma de opressão sobre a produção de conhecimento, pois ela impede o movimento de descoberta e encantamento” (D’AMBROSIO; LOPES, 2016, p. 378). Gabriela Brião insubordinou-se criativamente ao escrever seu relatório de pesquisa e ao propor e realizar sua pesquisa.

Ao passear pelas páginas da tese, o leitor vai sendo conduzido por um fio tênue entre as lembranças da autora e as concepções dos teóricos que ela traz para dialogar consigo. A lembrança da formação, da prática e a reflexão sobre essas, ajuda no exercício de conhecer-se como profissional e refletir as decisões e posturas adotadas na vida profissional. O processo reflexivo deve pautar o trabalho docente. E, ao ler a tese, Brião nos convida à reflexão sobre a formação, a prática, as tomadas de decisão, os posicionamentos. Essa postura é importante para todos os profissionais, especialmente os da educação.

REFERÊNCIAS

BRIÃO, Gabriela Félix. **Eu, uma professora de matemática em jornada narrativa em busca de meus eus-professores em autoformação**. 2017. 322 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – UNESP, Rio Claro, 2017.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul/dez 2002, p. 432-443.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: Figuras do indivíduo-projeto**. 2ª ed. Natal: EDUFRN, 2014.

LOPES, C. E.; D’AMBROSIO, B. S. *Professional development shaping teacher agency and creative insubordination*. **Ciência & Educação**, Bauru/SP, v. 22, n. 4, 2016, p. 1085-1095.

SOBRE A AUTORA

JOSANE GERALDA BARBOSA. Doutora em Ensino de Ciências e Matemática e Mestre em Ensino de Ciências, pela Universidade Cruzeiro do Sul/SP. Especialista em Educação Matemática e licenciada em Matemática, pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente exerce a função de Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal Minas Gerais - Campus Ouro Preto. Atuou como professora de

Matemática (Ensinos Fundamental e Médio) nas esferas municipal e federal, esteve na função de Coordenadora de professores mediadores no Centro de Educação Aberta e a Distância do IFMG - Campus Ouro Preto, Coordenadora de Controle Acadêmico no IFMG e de tutora dos cursos de Licenciatura em Matemática e de Especialização em Mídias e Tecnologias em sala de aula, ofertados pela Universidade Federal de Ouro Preto. Membro dos grupos: Educação, Trabalho e Sociedade, Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas em Educação Matemática e Estatística (GEPAME) e Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Estatística e Matemática (GEPEEM). Apresenta interesse de pesquisa nas linhas de Formação de Professores, método (auto)biográfico, Ensino e Aprendizagem e Educação a Distância.

RECEBIDO: 15/12/2020

APROVADO: 16/01/2021